

## EXPERIÊNCIAS DE VINCULAÇÃO SOCIAL UNIVERSITÁRIA: DE UM GRUPO ACADÊMICO A UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA

Adriana Yanina Ortiz<sup>1</sup>; Regiane da Silva Macuch<sup>1;2</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-Graduação em Gestão do Conhecimento nas Organizações (PPGGCO), <sup>2</sup>Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde (PPGPS), Centro Universitário de Maringá-UniCesumar, Bolsista Produtividade ICETI [ortizadrianayanina@gmail.com](mailto:ortizadrianayanina@gmail.com); [rmacuch@gmail.com](mailto:rmacuch@gmail.com)

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é socializar a experiência de vinculação social universitária desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde do Centro Universitário de Maringá-UniCesumar e analisá-la à luz do conceito de Comunidade de Prática, definido como um grupo de pessoas que compartilham conhecimento, em um contexto social de interação, com o fim de proporcionar aprendizagem, resolução de problemas e desenvolvimento de ideias. Participaram 19 profissionais de diversas áreas da saúde que, no marco da metodologia de aprendizagem-serviço, desenvolveram oito projetos de intervenção sócio-comunitária. Do relato da experiência emergiram alguns elementos que possibilitam compreender como ocorre o processo de transformação de um grupo acadêmico em uma comunidade de prática. Conclui-se que as experiências de vinculação social universitária podem ser pensadas como comunidades de aprendizagem que permitem desenvolver uma consciência coletiva entre os participantes mediante o diálogo, a colaboração e a retroalimentação, com o objetivo de reconhecer as possibilidades de ação frente a problemas comuns, de colaborar na geração de alternativas, se apropriar de metodologias e construir conhecimentos. Agência Financiadora: CAPES e ICETI.

**Palavras-chave:** aprendizagem-serviço, comunidade de prática, formação *strictu sensu*.

### Introdução

O presente trabalho deriva-se de uma pesquisa de maior alcance<sup>1</sup> e tem como objetivo socializar uma experiência desenvolvida com um grupo de estudantes do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde (PPGPS) do Centro Universitário de Maringá-UniCesumar. O PPGPS busca formar profissionais competentes para atuar em serviços de saúde, ambientes acadêmicos, institutos de pesquisa e outros espaços como escolas e centros de apoio social, por meio da investigação e do desenvolvimento de estratégias e tecnologias que colaborem na adoção de estilos de vida mais saudáveis. Neste contexto, considera-se fundamental contribuir para a formação integral dos mestrandos por meio de ações que possibilitem o desenvolvimento de habilidades e competências transversais para se assumirem como efetivos promotores da saúde no meio social onde estão inseridos, para ter um conhecimento prático da realidade que os envolva e para serem capazes de enfrentar as vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento das comunidades. Partindo

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, e apresenta resultados parciais do projeto de pesquisa "Autorregulação dos processos cognitivos e motivacionais em contextos diversificados de aprendizagem: Vinculação Social Universitária para a geração de novos conhecimentos" (Parecer do CEP Nº 2607011), que a primeira autora desenvolveu como bolsista pós-doutoral da CAPES/PNPD no PPGGCO do Centro Universitário de Maringá, UniCesumar.

desse ideário propusemo-nos desenvolver uma atividade acadêmica ancorada na perspectiva da metodologia de aprendizagem-serviço (*service-learning* em sua acepção em inglês), que visou estimular a participação e o protagonismo dos estudantes em contextos comunitários, formar multiplicadores de ações em ambientes diversificados e desenvolver habilidades e competências de promoção da saúde, por meio da planificação, implementação e avaliação de projetos de intervenção sócio-comunitária.

As instituições universitárias têm a responsabilidade de oferecer diversos espaços de participação em práticas e experiências que envolvam ação e interação em contextos reais. Dessa forma, além de promover uma consciência crítica e condutas mais participativas de intervenção social (GONÇALVES, 2012), essas experiências tornam aos alunos mais competentes profissionalmente (CRAWFORD ET AL., 2017; MOLDEREZ, FONSECA, 2018; ORTIZ, na prensa) e cidadãos ativos comprometidos com a sociedade (HEITOR, VEIGA, 2012; SOYKAN ET AL., 2015).

Perante tal desafio, alguns pesquisadores (MARTÍNEZ, 2008; ORTIZ, 2013; TAPIA, 2016) destacam os benefícios de integrar aprendizagens acadêmicas, construídas comumente em sala de aula, com ações solidárias derivadas da participação em experiências de vinculação social universitária (MATO, 2013), isto é, projetos de intervenção sócio-comunitária, aprendizagem-serviço, voluntariado, extensão, investigação-ação, entre outras formas de trabalho conjunto entre a universidade e a sociedade. Esta proposta pedagógica contribui para que o estudante construa aprendizagens num contexto de necessidades reais e o motivem a intervir (MARTÍNEZ, 2008; TAPIA, 2016), ao tempo que incorpora aos objetivos de educação novas metas que vinculam a formação acadêmica profissional à formação para a cidadania (CRONE, 2013).

Consideramos relevante o fortalecimento de programas e propostas de formação curricular por meio de diversas ações que vinculem ensino, aprendizagem e serviço solidário, com o fim de promover condições satisfatórias para a qualificação profissional dos futuros mestres em Promoção da Saúde. Esta razão motivou o desenvolvimento de uma proposta pedagógica que desafiasse os estudantes a pensar em ações de intervenção comunitária e que implicasse um trabalho em parceria com organizações da sociedade civil com o objetivo solidário de promover a saúde em âmbitos diversificados. As nossas metas de aprendizagem focalizaram em gerar consciência individual sobre saúde voltada ao coletivo, vivenciar de forma prática os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos no ensino superior e no exercício da profissão, e desenvolver competências transversais para levar adiante um plano de ação que envolvesse o trabalho interdisciplinar para atender a determinadas problemáticas sociais.

Desse modo, o objetivo deste trabalho foca-se em socializar a experiência resultante do Projeto intitulado “Desenvolvimento de competências para promoção da saúde” e analisá-la à luz do conceito de Comunidade de Prática de Wenger (2010) para buscar compreender o processo mediante o qual o grupo de mestrandos do PPGPS que participou da atividade foi adquirindo características e formas para se constituir numa comunidade de aprendizagem, comunidade de prática.

O conceito de Comunidade de Prática refere-se ao processo de aprendizagem e busca desenvolver uma explicação de caráter social da aprendizagem humana (WENGER, 2010). Esta aprendizagem, na concepção de Wenger (2010), envolve as relações sociais e abrange muito mais do que a relação professor-estudante. O empreendimento conjunto, o envolvimento mútuo e o repertório compartilhado são dimensões de uma comunidade de prática formada por pessoas que compartilham um mesmo interesse ou paixão, interagem regularmente, trocam informações, conhecimentos e compartilham aprendizagens. Os interesses comuns de aprendizado e desenvolvimento pessoal são os que mantêm às pessoas conectadas (TERRA, 2005 citado em FERNANDES ET AL., 2016, p. 45). Wenger (2002) define comunidades de prática como grupos de pessoas que compartilham uma preocupação, um conjunto de problemas ou uma paixão sobre um tema e que aprofundam seu conhecimento e experiência na área, interagindo em uma base contínua.

Na perspectiva de Fernandes e colaboradores (2016), as comunidades de prática são os recursos de conhecimento mais dinâmicos e versáteis das organizações. A existência delas contribui no estabelecimento de relações que possibilitam a criação e compartilhamento de conhecimento, e ajudam às organizações a entender melhor o mundo, bem como possibilitam a percepção de que o aprendizado informal se dá a partir do engajamento das pessoas no “fazer” (WENGER, 2010). Todas as pessoas têm formas de entender o mundo, e as comunidades de prática são lugares onde é possível desenvolver, negociar e compartilhar tais entendimentos (FERNANDES ET AL, 2016).

Uma comunidade de prática depende da força de três pilares: o *domínio*, entendido como a paixão ou interesse em comum que o grupo compartilha; a *comunidade*, que se constrói com as relações e interações baseadas no aprendizado conjunto e o compartilhamento de informações; e a *prática*, entendida como o repertório próprio recorrente da prática compartilhada que os membros desenvolvem (WENGER, 2010). Mais do que um grupo de aprendizes, uma comunidade de prática também é uma comunidade que aprende: os sujeitos “não são simplesmente visionários trocando ideias em torno de águas geladas, compartilhando

e beneficiando-se de outros especialistas, mas colegas compromissados em agregar as melhores práticas” (PÓR, 2002, citado em FERNANDES ET AL., p. 45).

Wenger (2002) destaca que a única forma, entre as estruturas organizacionais, capaz de lidar com as questões relacionadas ao conhecimento é cultivando comunidades de práticas, porque elas permitem gerenciar o conhecimento, criar uma conexão entre aprendizagem e desempenho em funções exercidas, e não ficam limitadas à estrutura organizacional e às restrições geográficas. A figura 1 apresenta, na perspectiva do autor, como se cultivam comunidades de prática. São muitas as definições que se encontram na literatura acerca de comunidades de prática, interessa ressaltar que a maioria delas converge para um ponto em comum: trata-se de grupos de pessoas que compartilham conhecimento, em um contexto social de interação entre seus membros, com o fim de proporcionar aprendizagem, resolução de problemas e desenvolvimento de ideias.

### **Metodologia**

O estudo consiste no relato de experiência docente (uma das professoras responsáveis pela disciplina e a professora estagiária pós-doutoral do PPGCO) da disciplina Atividades Interdisciplinares II do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde (PPGPS) do Centro Universitário de Maringá, UniCesumar. Ambas, responsáveis pelo projeto pedagógico intitulado “Desenvolvimento de competências para promoção da saúde”. Participaram 19 mestrandos do PPGPS, a maioria do sexo feminino (quatorze mulheres, cinco homens), na faixa etária entre 22 e 45 anos, atores protagonistas que entre os meses de julho a novembro do ano 2017 planejaram, desenvolveram e avaliaram projetos de intervenção sócio-comunitária com intencionalidade pedagógica e solidária, orientados a colaborar eficazmente com a comunidade na solução de problemáticas concretas e propiciar espaços de promoção da saúde. O grupo de participantes corresponde à coorte 2017 do programa, profissionais nas áreas de psicologia, fisioterapia, odontologia, enfermagem, farmácia, biomedicina, educação física e medicina.

A proposta pedagógica visou estimular a participação e o protagonismo em contextos educacionais, formar multiplicadores para ações de promoção em ambientes diversificados e desenvolver habilidades e competências em promoção da saúde. Para atingir esse objetivo foi necessário compreender o processo de elaboração de um projeto de intervenção sócio-comunitária, isto é, como planificar, executar e avaliar uma proposta; identificar as necessidades ou problemáticas vinculadas à saúde de um grupo, instituição ou comunidade próxima, a partir do contato direto que possibilitasse uma aproximação à realidade e uma



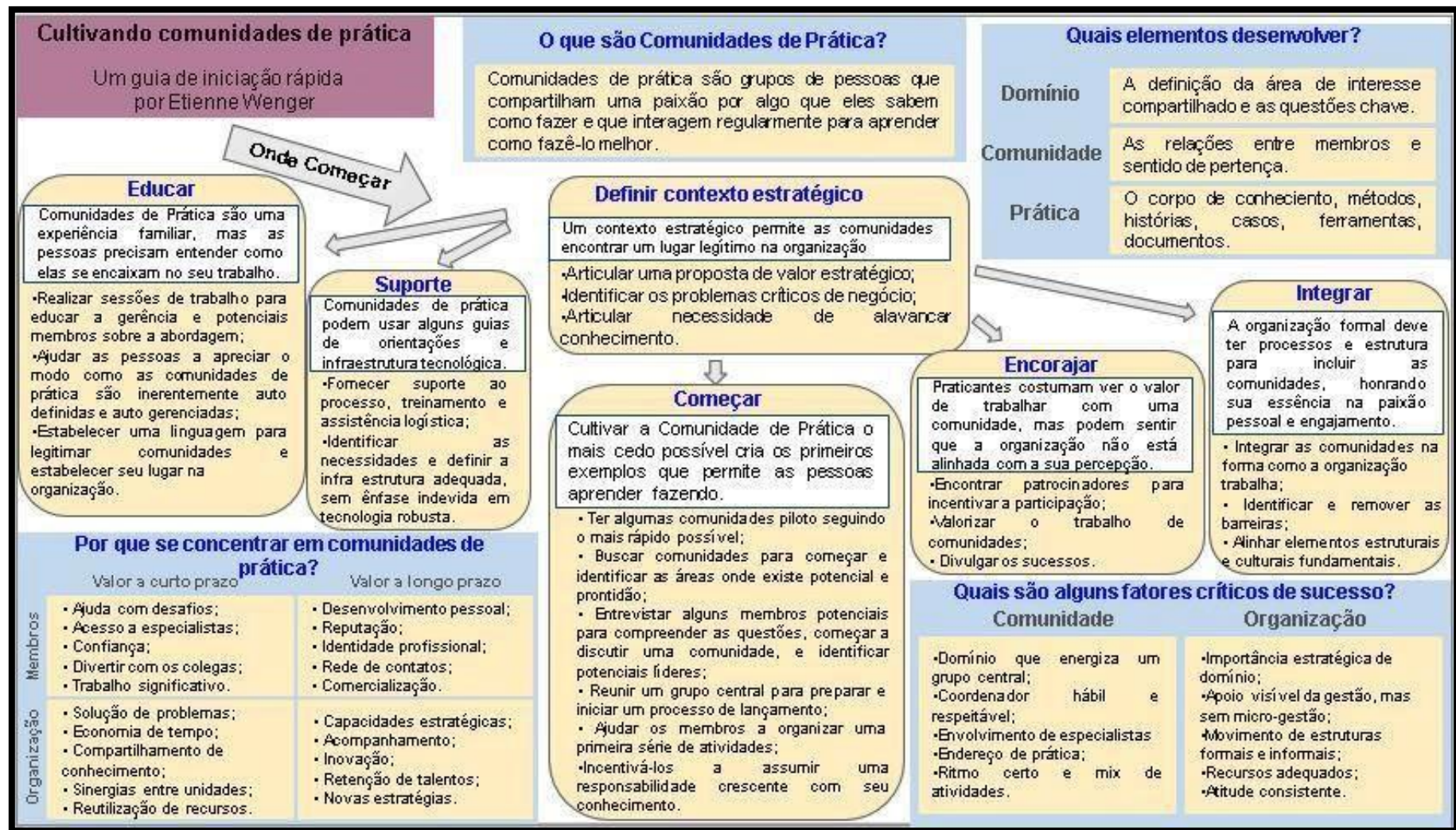


Figura 1. Cultivando Comunidades de Prática  
Fonte: Fernandes et al., 2016, p. 46.

tomada de consciência das necessidades reais; desenhar um plano de intervenção que oferecesse uma resposta efetiva; executar um plano de ação para atender aos objetivos da intervenção; e por último, avaliar o impacto das diversas propostas na comunidade.

A abordagem metodológica seguiu a proposta da aprendizagem-serviço. Trata-se de uma metodologia de ensino e aprendizagem que gera aprendizagens significativas e permite que os estudantes aprendam com base em problemáticas reais com o objetivo de oferecer soluções concretas e otimizar o desenvolvimento de conhecimentos, competências e atitudes ao motivá-los a indagar e se implicar solidariamente com o contexto social (TAPIA, 2016. Aprendizagem-serviço é um projeto educativo solidário, protagonizado ativamente pelos estudantes, e que articula intencionalmente conteúdos de aprendizagem com práticas solidárias).

### **Resultados e Discussão**

A proposta pedagógica foi apresentada durante o mês de junho, nos últimos encontros da disciplina Educação e Saúde, para ser retomada após o recesso de inverno. Para introduzir o tema, trabalhou-se com o grupo sobre experiências de vinculação social desenvolvidas em algumas universidades com o fim de analisar e debater acerca das crenças dos estudantes em torno à importância desse tipo de atividade no contexto do ensino superior público e particular. Posteriormente, deu-se início a pensar em ideias voltadas à promoção da saúde de alguns coletivos específicos e em organizações da sociedade civil. Inicialmente os estudantes trabalharam em grupos pequenos sobre diferentes temáticas em uma ONG. No entanto, foi preciso mudar essa ideia já que a organização escolhida ficava em outra cidade e nem todos tinham disponibilidade para se deslocar. A turma se organizou em oito grupos em função de afinidade pelo tema ou proximidade. Embora a consigna dada tenha sido constituir equipes interdisciplinares, os estudantes tiveram liberdade para escolher com quem e sobre qual assunto iriam trabalhar. A maioria respeitou a proposta e o passo seguinte foi elaborar o projeto, após ter selecionado o público-alvo e a organização onde as ações de intervenção teriam lugar.

O processo foi organizado em três grandes etapas: levantamento de necessidades ou diagnóstico da comunidade, implementação das ações de intervenção e avaliação do impacto da intervenção. Cada uma destas fases foi desenvolvida com autonomia pelas equipes, mas também a partir do *feedback* do grupo, numa dinâmica de trabalho que envolveu a saída à comunidade e o retorno à universidade (sala de aula) para comunicar o vivenciado, esclarecer



dúvidas, pedir sugestões, desconstruir as próprias experiências por meio do olhar e das vivências dos outros, criando um ambiente de aprendizagem colaborativo e participativo.

Durante a **primeira fase** foi enfatizada a importância de conhecer quais as necessidades reais das comunidades para pensar, a partir delas, ações que pudessem ser efetivadas, e trabalhou-se fortemente na perspectiva de construir modalidades sustentáveis de colaboração intercultural (MATO, 2013) na interação universidade-comunidade. Conscientes das limitações de tempo para desenvolver uma investigação diagnóstica rigorosa, as diferentes equipes visitaram as organizações e conversaram com seus referentes com o fim de identificar, juntos, uma problemática concreta. Uma vez detectadas as necessidades, o passo seguinte foi elaborar o projeto. Esta etapa apresentou algumas dificuldades relacionadas à falta de experiência dos estudantes no âmbito da intervenção ou vinculação social, e também com o fato de ter que pensar numa proposta interdisciplinar onde todos assumissem responsabilidades por meio de uma participação democrática. Para abordar esta problemática foram trabalhados alguns referenciais teóricos que serviram de suporte para que os grupos construíssem, passo a passo, os projetos de intervenção em função dos destinatários, das necessidades das organizações e das competências de formação profissional de cada mestrando.

Oito projetos de intervenção sócio-comunitária emergiram desta primeira fase. O Projeto I intitulado “Disfunções osteomioarticulares em colaboradores de um laboratório de análises clínicas e o envolvimento biopsicossocial” teve por objetivo identificar a incidência das disfunções da coluna vertebral em trabalhadores de um laboratório de análises clínicas em Cianorte. O Projeto II, “Melhoria bucal”, buscou promover a saúde bucal em homens de um Lar de idosos em Maringá, a partir da auto-avaliação bucal para melhoria da qualidade de vida, tendo em vista a prevenção de doenças bucais, gengivais e percas dentárias. O Projeto III, “Atividade física na fibromialgia: ATIs o que é e como usar de forma prática”, visou promover um espaço de discussão sobre os benefícios do exercício físico e uso da ATI para pessoas com fibromialgia no Grupo de apoio a pessoas com fibromialgia (voluntariado que funciona na UniCesumar, Maringá).

O Projeto IV foi denominado “Terapia cognitiva comportamental no grupo de apoio a pessoas com fibromialgia” e buscou discutir os benefícios da terapia cognitiva comportamental com participantes do Grupo de apoio a pessoas com fibromialgia (voluntariado que funciona na UniCesumar, Maringá). O Projeto V, “Tabaco e outras drogas na gestação”, teve por fim discutir e promover a reflexão a respeito dos efeitos negativos do tabaco e outras drogas na gestação, no Lar de acolhimento para mulheres em situação de vulnerabilidade em Maringá.

O Projeto VI “Práticas e significados em Promoção da Saúde: Empoderamento de adolescentes” buscou promover um espaço de educação interdisciplinar em saúde bucal e o processo de empoderamento de crianças da Comunidade Cristã Beneficente em Mandaguari. O Projeto VII, “Relação entre dor e baixa autoestima em idosos do Centro de Dia Novas Histórias” de Maringá, avaliou o efeito das técnicas de relaxamento muscular na redução de dores musculares e articulares, e a melhora da autoestima em idosos por meio de técnicas de embelezamento pessoal. Finalmente, o Projeto VIII intitulado “Atividade física e hábitos alimentares na educação infantil: prática interdisciplinar para promoção da saúde” teve por objetivo desenvolver uma ação didática que estimule a preferência por hábitos alimentares saudáveis, significando a importância da alimentação aliada à atividade física para promover saúde em um Colégio particular de Maringá, e em um Colégio municipal de Paranaíba.

A implementação das atividades de intervenção foi a **segunda fase** do processo. Desde o início até o final da experiência buscou-se promover a autonomia de trabalho nas equipes e apenas intervir nos momentos que fossem necessários, como no caso específico de auxiliar e orientar a elaboração dos projetos, sugerir atividades e modos de avaliar a intervenção. No entanto, alguns estudantes solicitaram acompanhamento na etapa da intervenção, outros prescindiram da nossa presença, e outros, pelo contrário, convidaram-nos a participar. Para aproveitar a oportunidade de conhecer, desde dentro, as diferentes organizações parceiras, e com o fim de observar, por perto, as ações das equipes, decidimos presenciar as intervenções (ocorridas durante o mês de outubro) assumindo o papel de observadoras não participantes.

A **terceira fase** do processo envolveu a avaliação e o retorno às organizações com o fim não apenas de recolher impressões e informações a respeito de como os destinatários e os referentes comunitários avaliaram as intervenções, mas também para agradecer pela parceria e deixar um vínculo consolidado para possíveis trabalhos futuros. O projeto pedagógico encerrou com a realização de um Grupo Focal que tinha por finalidade indagar acerca dos processos relacionados com a participação e a organização do trabalho interdisciplinar, os êxitos alcançados, as dificuldades encontradas e os modos como resolveram e os contributos da experiência nas trajetórias de formação. Também foi discutido sobre qual o sentido da função social da universidade em vinculação com a sua responsabilidade social no mundo atual, e debateu-se sobre as percepções individuais a respeito de promover este tipo de atividades no contexto do ensino superior. A avaliação da disciplina consistiu na apresentação pública dos projetos de intervenção em modalidade pôster em um evento científico, e na entrega de um relatório final.



Do relato desta experiência, e da nossa cognição imbricada como parte integrante da atividade, emergem alguns elementos que permitem entender como esse processo deu lugar, sem intenção inicial, à conformação de uma comunidade de prática (FERNANDES ET AL, 2016; WEGNER, 2010). Entendida aqui como um grupo de pessoas que compartilham uma preocupação ou uma paixão sobre um tema (domínio) e que aprofundam seu conhecimento e experiência nesta área (prática), interagindo em uma base contínua e regular (comunidade). Estes três pilares explicitaram-se ao longo de todo o processo. O DOMÍNIO, que refere à definição de uma área de interesse, responde ao âmbito da promoção da saúde, em vistas de que o objetivo comum para o desenvolvimento do projeto foi pensar em ações de promoção da saúde para a comunidade, independentemente das características e singularidades do público-alvo e da formação profissional particular de cada um dos mestrados, embora todos eles sejam formados em áreas de saúde. As relações e interações baseadas no aprendizado conjunto e o compartilhamento de informações e conhecimentos que tiveram lugar em sala de aula, bem como o sentido de pertença institucional e grupal construíram o pilar da COMUNIDADE, um espaço real onde os conhecimentos foram desenvolvidos, negociados e compartilhados. Por último, o corpo de conhecimentos, métodos e ferramentas, isto é, o repertório da prática compartilhada que, no caso da nossa experiência, consistiu no desenvolvimento das atividades definidas para cada intervenção, sustentou o pilar da PRÁTICA.

A estratégia de trabalho adotada contribuiu significativamente. A autonomia para se organizar em equipes interdisciplinares, escolher as instituições e, a partir das necessidades detectadas, elaborar um plano de intervenção, colocou aos mestrados como protagonistas das ações. O retorno à sala de aula após cada intervenção fez com que esse espaço se transformasse em um local de compartilhamento de vivências, informações e troca de ideias sobre estratégias para auxiliar na abordagem de determinadas problemáticas que cada equipe, por si só, não conseguia resolver. Esse processo de construção e reconstrução conjunta derivou na criação e desenvolvimento de oito projetos sócio-comunitários, de valor social e acadêmico altamente significativo. A proposta pedagógica, enquadrada na metodologia de aprendizagem-serviço, possibilitou uma leitura e intervenção comprometida com a realidade bem como a valorização dos diversos sujeitos no processo de construção coletiva. A experiência de vinculação social universitária colocou os estudantes como autênticos protagonistas dos seus processos de aprendizado individual e coletivo, e marcou um precedente no contexto da formação *strictu sensu*.

Mais do que meros aprendizes, a comunidade de prática é, também, uma comunidade que aprende. As experiências de vinculação social universitária podem ser pensadas como comunidades de aprendizagem que permitem desenvolver uma consciência coletiva entre os participantes mediante “o diálogo, a colaboração e a retroalimentação, com o objetivo de reconhecer as possibilidades de ação frente a problemas comuns, de colaborar na geração de alternativas e de se apropriar das metodologias para adequá-las e utilizá-las com os diferentes grupos com os quais se trabalha” (CORTEZ RUIZ, 2009, p. 120). Sobre esta ideia baseou-se a proposta pedagógica, a partir do reconhecimento das potencialidades do desenvolvimento de práticas curriculares que vinculem contexto acadêmico e contexto comunitário, pelos seus contributos na melhora das aprendizagens e na motivação dos estudantes envolvidos na prática de uma cidadania responsável.

Wenger (2002) destaca elementos essenciais para o início de uma comunidade prática, como definir um contexto estratégico, encorajar e incentivar a participação e a integração, dar suporte e educar, no sentido de mostrar para os outros membros da organização, que uma comunidade de prática é inerentemente autodefinida e autogerenciada. Como docentes que acompanhamos o desenvolvimento da atividade, pudemos ver como ao longo do processo esse grupo de mestrandos foi constituindo-se como uma comunidade de prática. Neste sentido, o contexto estratégico que se constituiu como o espaço legítimo onde o grupo conseguiu articular propostas de valor e necessidades de alavancar conhecimento, foi o espaço curricular da disciplina Atividades Interdisciplinares II. Embora a proposta pedagógica da disciplina tenha significado, no início, uma tarefa muito exigente, difícil e atípica, que demandava muito mais do que simplesmente estudar um determinado tema, apresentar trabalhos e fazer uma prova para passar, os interesses comuns de aprendizado e desenvolvimento pessoal que o tipo de atividade oferecia mantiveram aos mestrandos motivados e conectados durante todo o processo. O espaço da disciplina, tanto dentro como fora da sala de aula, foi o lugar estratégico onde teve lugar a construção e desconstrução de conhecimentos.

No contexto da formação *strictu sensu* fomos pioneiros em propor uma atividade curricular que envolvesse um trabalho em parceria com a sociedade, no marco de aprendizagem-serviço. Acreditamos que a comunidade de prática criada a partir dessa experiência tornar-se-á num exemplo que permitirá a outras pessoas (estudantes, professores, pesquisadores) aprender fazendo. Essa comunidade começou no momento a partir do qual os mestrandos foram incentivados a assumir uma responsabilidade crescente com o seu conhecimento e foram encorajados para desenvolver projetos de intervenção comunitária com o fim de promover a

saúde coletiva de um grupo específico, conscientes do valor que essa atividade traria para eles próprios e para a comunidade. Integrar a comunidade de prática permitiu gerenciar o próprio conhecimento e criar uma conexão entre aprendizagem e desempenho em funções exercidas, que vão além do contexto da intervenção e do universitário. As competências desenvolvidas e as aprendizagens construídas, embora tenham sido situadas e contextuais, transformar-se-ão em aprendizagens para toda a vida.

### **Conclusões**

O desenvolvimento do projeto pedagógico, baseado na metodologia de aprendizagem-serviço, foi uma oportunidade para refletir acerca da necessidade de repensar as práticas curriculares e pedagógicas em função dos objetivos de aprendizagem e dos objetivos dos programas de formação. Os projetos interdisciplinares devem ter relevância acadêmica e social, estar próximos da vida e do entorno do estudante, partir de necessidades concretas e expressar uma dimensão importante da aprendizagem que é aprender fazendo. Em um mundo cada vez mais complexo, individualista e em constante transformação, a integração de atividades comunitárias aos espaços curriculares representa um caminho revelador para engajar os estudantes na gestão do seu próprio conhecimento e no protagonismo da sua formação pessoal, profissional e cidadã. As experiências de vinculação social universitária possibilitam espaços de transformação onde um grupo acadêmico pode se constituir em uma comunidade de prática na qual os estudantes possam interagir e compartilhar informação com o fim de aprender, resolver problemas e desenvolver ideias inovadoras.

### **Referências**

CORTEZ RUIZ, C. El Vínculo Universidad-Sociedad en la Experiencia del Programa de Investigación Interdisciplinario «Desarrollo Humano» de la Universidad Autónoma Metropolitana, México. In D. Mato, **Educación Superior, Colaboración Intercultural y Desarrollo Sostenible** (pp. 115-142). Caracas: IESALC-UNESCO, 2009.

CRAWFORD, E.; CAINE, A.; HUNTER, L.; HILL, A.; MANDRUSIAK, A.; ANEMAAT, L.; DUNWOODIE, R.; FAGAN, A.; QUINLAN, T. Service learning in developing countries: Student outcomes including personal successes, seeing the world in new ways, and developing as health professional. **Journal of Interprofessional Education & Practice**, v. 9, n. 1, p. 74-81, 2017. <https://doi.org/10.1016/j.xjep.2017.08.006>

CRONE, T. The Effects of Service-Learning in the Social Psychology Classroom. **Journal of Service-Learning in Higher Education**, v. 2, n., p. 62-74, 2013.

FERNANDES, F., CARDOSO, T., CAPAVERDE, L., SILVA, H. Comunidades de prática: uma revisão bibliográfica sistemática sobre casos de aplicação organizacional. **AtoZ: novas**



práticas em informação e conhecimento, v. 5, n. 1, p. 44-52, 2016.  
<http://dx.doi.org/10.5380/atoz.v5i1.46691>

GONÇALVES, S. Cidadania Global e Educação Superior. Em S. Gonçalves; F. Sousa, **Escola e comunidade: Laboratórios de Cidadania Global** (pp. 15-25). Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2012.

HEITOR, F.; VEIGA, S. Voluntariado no Ensino Superior: Oportunidades para a mudança no desenvolvimento psicológico. In **Atas do II Congresso Nacional da RESAPES-AP** (pp. 348-360). Portugal: Instituto Superior de Contabilidade e de Administração do Porto, 2012.

MARTÍNEZ, M. Aprendizaje servicio y construcción de ciudadanía activa en la universidad: la dimensión social y cívica de los aprendizajes académicos. En M. Martínez, **Aprendizaje servicio y responsabilidad social de las universidades** (pp. 7-11). España: Limpergarf, S.L, 2008.

MATO, D. Contribución de experiencias de vinculación social de las universidades al mejoramiento de la calidad académica y factores que limitan su desarrollo y valoración institucional. **Avaliação**, Campinas, SP, v. 18, n. 1, p. 151-180, mar. 2013.

MOLDEREZ, I.; FONSECA, E. The efficacy of real-world experiences and service learning for fostering competences for sustainable development in higher education. **Journal of Cleaner Production**, Tennessee, v. 172, n. 1, p. 4397-4410, 2018.  
<http://dx.doi.org/10.1016/j.jclepro.2017.04.062>

ORTIZ, A. **Creencias Motivacionales y Actitudes frente al Voluntariado: Un estudio con jóvenes universitarios en Portugal**. 2013. 425f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013. <http://hdl.handle.net/10451/9805>

ORTIZ, A. Experiencias de vinculación social universitaria: motivaciones para la participación estudiantil. **Revista Exitus** (na prensa).

SOYKAN, E.; GUNDUZ, N.; TEZER, M. Perceptions of the Teacher Candidates Towards Community Service Learning. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 197, n. 1, p. 2468-2477, 2015. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2015.07.314>

TAPIA, N. **Inserción curricular del aprendizaje-servicio en la Educación Superior**. Buenos Aires: Ediciones CLAYSS, 2016.

WENGER, E. (2010). Communities of practice and social learning systems: the career of a concept. In C. Blackmore (Ed.), **Social learning systems and communities of practice** (p.179–198). London, UK: Springer. doi: 10.1007/978-1-84996-133-2\_11

WENGER, E. (2002). Cultivating communities of practice: a quick start-up guide for communities of practice. <http://wenger-trayner.com/project/community-of-practice-start-up-guide/>